

Por vontade expressa do autor, este livro não segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadireditora

© 2016

Direitos reservados para Marcador Editora  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Copyright © 2016 Júlio Isidro  
Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Todas as fotografias publicadas neste livro foram cedidas pelo autor, que assegurou à editora que recolheu as devidas autorizações e que a publicação das mesmas não viola direitos de terceiros.

Título original: *O Programa Segue Dentro de Momentos*

Autor: Júlio Isidro

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Capa e paginação: Inês do Carmo

Fotografias de capa: Jorge Jacinto

Fotografias: Pags. 320 (Autoria: Metro-Goldwyn-Mayer, Inc.), 360 (Autoria: Eva Rinaldi), 361, 368 (Autoria: AP Wire Photo) – Wikimedia Commons; restantes fotografias – arquivo pessoal do Autor, gentilmente cedidas pelo próprio

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-191-9

Depósito legal: 416 836/16

1.ª edição: Novembro de 2016

## **OBRIGADO**

Estas memórias são a minha partilha com o público, ouvintes e espectadores, que ao longo de mais de meio século me acompanhou.

Aos meus companheiros de trabalho, os do meu tempo, que recordo com alegria, e os deste tempo, a quem desejo um futuro feliz.

Ao Jorge Jacinto, que registou a minha vida desde sempre e que me fotografou para esta capa em que estou parecido comigo.

Ao Baptista-Bastos, um dos nossos mais brilhantes jornalistas, escritor comprometido com a estética e com a ética. O seu prefácio tranquiliza-me. Alguém escreveu bem neste livro!

À Inês do Carmo, que fez o arranjo gráfico com um talento que não sei de quem herdou. De mim não foi...

Declaração de amor às mulheres da minha vida.

A Inês, que desenhou muito bem dois rapagões, meus netos, o Max e o Xavier.

A Mariana, uma doçura mesclada de rigor e que gosta de falar das coisas do mundo.

A Francisca, explosiva de alegria, criativa e surpreendente nas suas interrogações.

E as manas Dadinha e Dadão, que me deram tantas sobrinhas.

Um mundo de mulheres onde me sabem tão bem beijinhos e abraços.

Para a Sandra, que me acompanha há 26 anos, o desejo, o projecto e a promessa de que este amor não tem fim. Mesmo depois do meu fim.

Cascais, Outubro de 2016

## **A PRESENÇA AFECTUOSA**

Sigo, há muitos anos, o trajecto profissional e moral de Júlio Isidro. Este homem sorridente e seguro conseguiu driblar as atenções dos senhores do momento, estava o 25 de Abril em estado caótico, e levar à televisão vozes dissentes e opiniões por vezes decisivas. Pertencço a esse grupo disseminado e disperso. Ele alinha com aqueles, poucos, que tentaram, e ainda tentam, suavizar a derrocada das esperanças. Sei muito bem que o tempo passa, e que a memória das coisas e dos homens começa a definhir até desaparecer. Porém, sou dos que acreditam que o tempo não tem significado para a memória, porque a memória é transmissível, seja através das palavras ou nos livros. O que Júlio Isidro tem feito e praticado na televisão é um exercício de presença, ensinando que, quando odiamos alguém, só nos ferimos a nós próprios.

Penso, agora, que o trabalho deste jornalista segue-me, segue-nos com a persistência de um cuidado e a atenção de quem não deseja embrulhar a memória em pequenas casualidades. Lembra-se das pessoas, de pessoas que, certa vez, marcaram os nossos destinos, e assinalaram as nossas esperanças. Há qualquer coisa de grandioso neste evocar, como se o autor quisesse resguardar o momento feliz de alguém que removemos das nossas lembranças, mas que nos pertencem para sempre. Isolámo-las e esquecemo-las, mas ele recupera a memória só aparentemente destruída pelo nosso comum esquecimento. Afinal, o que Júlio Isidro faz e tem feito é reavivar os que foram e não desistem de o ser.

Há, nesta presença, o sinal de um afecto e a lembrança que resiste, mesmo na sombra e no aparente silêncio. Consciência, liberdade e atenção pelos outros fazem deste homem uma espécie de vigilante do nosso tempo, que o próprio tempo se encarrega de fragilizar. Ele considera as pessoas, as situações e os acontecimentos como fundamentos do seu próprio tempo pessoal. E é esse entendimento e a aplicação clara do que ele significa e diz que fazem deste homem um invulgar

testemunho do nosso tempo. O invulgar número de trabalhos, não só para a televisão, como para o jornalismo, para a exposição do tempo, para uma espécie de secreto apelo à solidariedade e ao conhecimento do outro, fazem deste homem um padrão. Padrão de um tempo que muitos desejam esquecer ou fazer esquecer.

Isidro sabe muito bem qual é o papel do esquecimento, qual é o valor do silêncio. E não quer ser cúmplice de participar no embuste da omissão. Que mais não é do que a supressão de nós próprios. Qualquer programa com a sua assinatura contrai em si o valor do tempo, da solidariedade e da memória. E avisa-nos de que nenhuma noite está privada de estrelas, e de que nenhum homem se priva, a si mesmo, da necessidade de ilusão.

Creio residir, em cada um dos programas com a assinatura dele, um apelo discreto e concentrado ao recolhimento e, simultaneamente, à acção. À acção que explica e determina o comando da vontade. Cada homem resguarda em si a urgência de ser feliz, então, porque o não é, ou não faz por isso? Este tempo em que vivemos, e no qual assistimos ao soçobrar de muitos dos nossos sonhos, não é um simples aviso: é, isso sim, aquilo que Júlio Isidro tem dito, ao longo da vida: esperar é uma forma de resistir e de combater.

Uma forma. Não o esqueçamos. É ele quem nos diz, reiteradamente, com denodo e com um trabalho permanentemente renovado.

Baptista-Bastos



## O EQUÍVOCO ORIGINAL

– O menino só fala quando as galinhas tiverem dentes! – Avó Chica *dixit*.

A família janta, mesa aberta, duas abas, uma para cada lado para cabermos todos. Sempre fomos muitos, o pai e a mãe à cabeceira, à direita do quase todo-poderoso, onnipresente e sobretudo omnisciente, senta-se o miúdo, por ele vulgarmente definido como «o meu rapaz».

À esquerda da mãe, as manas gémeas ordenadas por antiguidade, Dadão e Dadinha, porque uma tinha visto a luz quinze minutos antes da outra.

Depois a avó Chica e a mana, a tia-avó Babá de seu verdadeiro nome Isaura de Lurdes mas que o petiz, já muito criativo e se calhar com dificuldades de articulação, tinha decidido rebaptizar. E a prima Mimi solteirona, na cédula de nascimento Inês, fruto do casamento da Babá com um *croupier* de casino. A Mimi lutava em duas frentes: emagrecer, tomando todas as mezinhas que saíam nas revistas de moda, lembro-me de a ver a beber água com gotas de vinagre, e arranjar namorado. Nenhum servia para as minhas avós. Mal se apercebiam de um telefonema ou uma ida à janela da pobre da Inês posta em sossego a acenar a um cavaleiro andante, de imediato entrava em acção o serviço de informações, quem é, o que faz, estado civil, apelido de família e outros requisitos, depois confirmados com o recurso a um senhor especialista em dados, uma espécie de pida das relações amorosas. Conheci-lhe um pretendente, motorista da embaixada americana, que estacionava à porta da nossa casa com uns espadalhões dos anos 50, *Cadillacs*, *Plymouths*, etc., eliminado apenas por ser *chauffeur*. E lembro-me de ir passear com a prima e um pretendente ao Parque Eduardo VII onde eles namoravam entre suspiros e umas mãos furtivas enquanto eu brincava na relva com as manas. Morreu eternamente casadoira.

E o primo Afonso, aboletado lá em casa vindo de Alcoentre, onde o pai exercia a nobre missão de João Semana. Constava que era bom médico, tratava po-

bres e menos pobres e era pago em géneros, galinhas, ovos, legumes frescos, umas febras aquando da matança do porco e em dinheiro, só no hospital. Tinha uma dieta-tipo para culminar todas as maleitas: – Tome estes remédios e durante quinze dias só massas, arrozos, farinhas, purés e leites!!!! Não consta que alguém tenha morrido da cura.

Naquela mesa, espécie de Babel das Avenidas Novas, sentava-se também a tia Trini, uma espanhola viúva de outro tio-avô com fama de valdevinos, fotógrafo e aventureiro nos Brasis. O tio Henrique tinha-se especializado em nu artístico, forma delicada de definir um talentoso «bate-chapas» que na realidade tinha ganho a vida a vender imagens em *slides* de vidro de umas anafadas e peludas matronas. Morreu cedo por se deitar tarde e outras coisas...

No seu espólio ficara um tesouro para prazer clandestino deste menino, bem-comportado por fora, mas muito atrevido por dentro.

Na sala de visitas, um canto era ocupado com um pequeno móvel de pausanto com tampo de mármore e uma paisagem a óleo na porta. Sempre fechado, despertou durante anos a minha curiosidade. Um dia, chegado a casa do liceu e ao entrar na sala, vi a porta do móvel entreaberta. Abri, e descobri a razão da chave escondida. Numa prateleira repousavam um leitor de *slides* em madeira, uma espécie de binóculo e diversas caixas com rectângulos de vidro. Coloquei um deles na máquina, foquei e ia caindo desfalecido. À frente dos meus olhos exibia-se pela primeira vez na minha vida um corpo de mulher, sem nada! Quer dizer, com tudo, porque não lhe faltavam uns excitantes pneus adequados à estética da época, o cabelo decorado com uma tiara de pequeninas rosas e... ausência total de depilação! Saboreei um e outro e mais outro e só parei quando ouvi lá do fundo: – Júlio, não vens lanchar? – Mas que importância tem uma fatia de pão e um refresco de chá perante o erotismo de uma senhora encostada a uma coluna grega em gesso e um cenário de bosque no fundo?

Descoberto o esconderijo da chave do pecado, não confesso quantas vezes visitei aquela gruta do prazer e os calores que me assaltavam. Até passei a receber amigos que, com o pretexto de lá irem fazer os trabalhos de casa, se acotovelavam para assistir ao *show*. Dos sonhos agitados e outras manipulações não reza a história.

O móvel está em minha casa, mas a máquina e os *slides* desapareceram sem que se saiba quem foi o coleccionador de antiguidades.

De volta à mesa onde ao extremo se sentava a costureira Dona Pacaró,

senhora baixinha sempre de preto vestida, que só voltava a casa após o jantar incluído no seu pequeno pagamento diário. Naquele tempo as actividades domésticas eram pagas a seco, só «coroas», quem quisesse comer levava marmíta, ou então com refeições incluídas, mas descontadas no óbolo patronal.

Dizia-se lá em casa que as domésticas eram como se fossem da família, argumento socialmente carinhoso mas que na prática revelava o espírito de classe que marcava bem o abismo entre patroas e criadas.

A costureira era uma espécie de *freelancer*, personagem de grande utilidade para remendar lençóis, virar colarinhos das camisas dos dois únicos homens da família, descer as bainhas das calças daquele que crescia a olhos vistos, colocar cotoveleiras nos casacos e, trabalho mais específico, aplicações «à cavaleira» que tapavam fundilhos puídos quando em vias de exhibir a cor das cuecas. A artista da agulha e do dedal tinha sala de costura destinada, em boa verdade, um clube de convívio social restrito. As avós, algumas amigas seleccionadas e a tal senhora, ali cosiam e descosiam a vida de muita gente, davam alfinetadas a torto e a direito enquanto faziam juramento de boca cerrada com fecho-éclair. «A minha boca é um poço sem fundo», «detesto bisbilhotices», eram alguns dos falsos *slogans* que por ali se ouviam. Ouvi várias vezes, ao passar pela porta entreaberta – sim, porque as crianças tinham entrada vedada naquele sacrário da arte de maldizer a toda a sela –, a minha avó sugerir como tema de conversa: – Vamos falar dos nossos mortos? E ali ficavam a exaltar a memória dos defuntos numa espécie de eterno primeiro de Novembro. E com isto não havia eu de vir a ser um hipocondríaco assumido?



O menino vestido à marinheiro, fato comprado no Old England, na Baixa, nunca teria vocação marítima e a aérea ficou-se pelas miniaturas.

No lar onde nasci, havia cozinheira, criada de fora e mulher-a-dias, quase todas crescidas lá em casa, porque importadas da terra na idade das letras que não tinham aprendido. Só o meu pai tratava o pessoal como empregadas, porque ideologicamente era correcto.

Era no seio da «família» de adopção que a Maria, a Casimira e a Páscoa aprendiam a ler com as senhoras que até lhes escreviam as cartas para os pais lá na santa terrinha: «Espero que esta vos vá encontrar de boa saúde, eu por cá vou bem graças a Deus, a Dona Chiquinha trata-me como família...»

Só para a cozinheira Páscoa é que não havia correio. Tinha vindo de S. Tomé e Príncipe porque a minha avó era accionista das roças Plancas, produtoras de café e cacau. Chamava-se Páscoa porque tinha vindo na Quaresma, destinada a viver entre tachos e panelas. Lembro-me dela a cozinhar no forno a lenha e a dar à bomba aos fogareiros a petróleo. Que barulho faziam aquelas maquinas onde se equilibravam as panelas de alumínio com a sopa ou o cozido. Quando entupiam, entrava em cena a faceta engenheira da minha avó com o espevitador, peça de lata atravessada por um fino arame que resolvia o problema. Mais tarde foram descobertos os fogareiros com cabeças queimadoras silenciosas para descanso das nossas.

Não sei como, mas sei que um dia a Páscoa apareceu grávida. Quem teria sido o sedutor, merceeiro, padeiro, leiteiro, militar sem graduação, não ficou registado nos autos. Sei que nasceu um Paulo que passou a viver lá em casa. Só mais um. Dormia no quarto da mãe, cresceu e foi à escola, tudo subsidiado pela minha avó, que tinha cacau por causa do café ou vice-versa.

Se havia alguém que se imaginava uma cidadã perfeita era a Dona Chica. Até anti-racista se assumia. Um dia ao jantar, na tal grande mesa, comentou: – Calculem vocês que hoje na escola os colegas bateram no Paulo e fizeram troça dele. Parece impossível, fiquei indignada. Já não basta esta infelicidade de ser pretinho e ainda por cima tratam-no mal!! – Nem deu pela dimensão racista e pseudocaritativa da frase, e eu também nunca tive ocasião de explicar à minha avó que as diferenças de cor da pele fazem de nós todos mais iguais.

Entre o tanque e as barrelas de roupa, dez camas para fazer, as compras na praça, o pó para limpar e o soalho brilhante com *Encerite*, aquelas meninas cresci-

das à pressa namoravam aos domingos depois de almoço até à hora do jantar que tinham de servir, faziam o enxoval em crochês e pontos de cruz para finalmente se casarem. E partiam, libertas de uma escravidão amigável, para entrarem na submissão de um casamento onde a minha senhora dava lugar ao «meu senhor».

Na verdade e naquele jantar, eu só tinha tentado abrir o bico para falar de uma coisa lá da escola, mas a avó cortou cerce a iniciativa: – O menino só fala quando as galinhas tiverem dentes! – Engoli o episódio emocionante do colega que tinha apanhado doze palmatoadas, cobradas por cada erro no ditado, e fiquei a pensar na profundidade da frase... Então, se só falo quando as galinhas tiverem dentes, só mesmo uma profunda alteração genética me dará um dia o direito a botar palavra.

Pedi licença para sair da mesa e iniciei a ritual volta de beijinhos e votos de bom proveito. Tão distraído estava a pensar na dimensão metafísica da expressão da avó que: – Apre, que me pisaste outra vez! – O calo de estimação da Babá tinha sido atingido pela biqueira das minhas botas de carneira. – É sempre a mesma coisa. Não sabes onde pões os pés!

Pedi desculpa e segui para o quarto onde os meus sonhos voavam pela janela do saguão. Ainda não os eróticos. E assim adormeci com uma promessa na cabeça: – Hei-de falar um dia, quando e como quiser...

Mal a avó sabia que as galinhas, agora espécies de aviário designadas como frangos, nunca implantaram dentes, nem sorriem como alguns alvares esgares de certos vice-primeiros-ministros. Mas o miúdo iria fazer da vida o ofício de comunicar.

## **O DIA MAIS IMPORTANTE DA MINHA VIDA**

Janeiro dos anos quarenta, a Guerra ainda não acabou.

Por cá e para a burguesia que queria paz e sossego depois das revoluções da República, parecia quase tudo bem, o país sossegadinho e bem-comportado. Portugal, que tinha assumido uma neutralidade hipócrita e oportunista, fazia de ponte para gregos e troianos, e se não fossem os racionamentos, a guerra... quase nem se dava por ela.



Lisboa e a linha do Estoril eram um entreposto de conspiração e espionagem que também influenciou o destino do conflito. Consta até que a posição do «querido líder» Salazar esteve na iminência de um golpe de estado porque Churchill estava a perder a paciência com a lusitana forma de andar em cima do muro. A informação, a rádio e a imprensa, eram coisas respeitáveis e sérias, de tal maneira que não podiam ser entregues de mão beijada aos seus profissionais. Notícias cirurgicamente filtradas para não incomodar o povo tranquilo, porque quem mandava era uma espécie de grande educador. Éramos, e parece que ainda somos, o melhor povo do mundo, de brandos costumes e nascidos para aguentar, aguentar. E assim continuamos... até um dia.

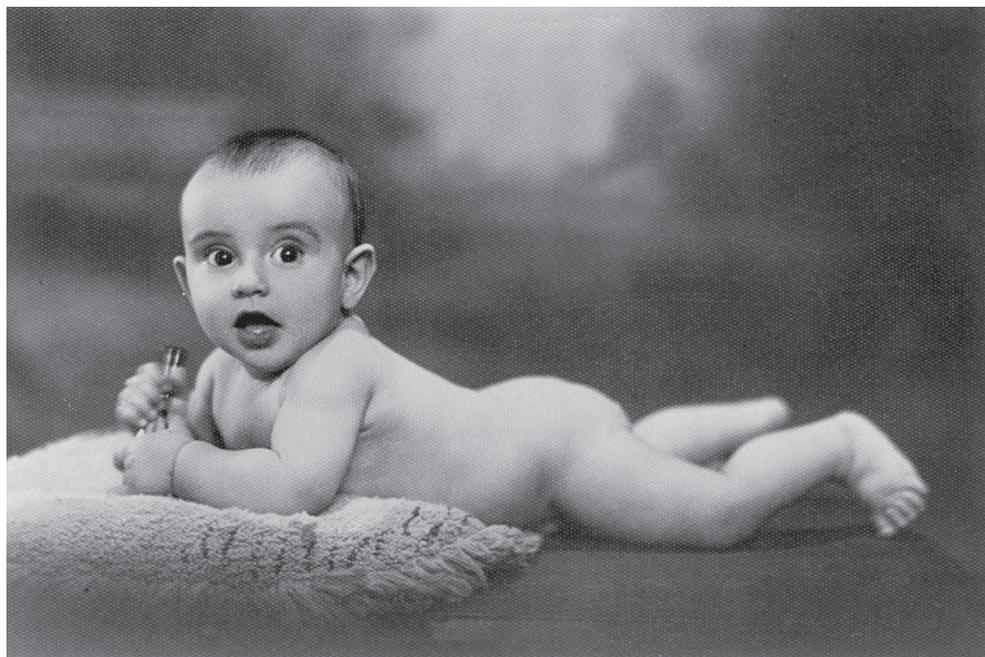
Os actos preparatórios de que fui produzido ocorreram entre lençóis na Figueira da Foz, Buarcos, uma aldeia de pescadores. Era a segunda etapa de uma romântica lua-de-mel feita de comboio com paragem para noite de núpcias num hotel de... Caldas da Rainha!!!! Porquê Caldas? Inspiração estética ou homenagem a um enorme manguito que o jovem esposo, discretíssimo membro do revirinho, fazia ao pai da nação?

A noiva, nova a estreiar, trazia certificado de garantia num tempo em que a virgindade distinguia as donzelas das... outras. Eles, pelo contrário, quanto mais rodados na vida fácil, mais qualificados estavam para iniciar a virginal legítima.

## **QUANDO CHEGUEI, O MUNDO NEM DEU POR ISSO...**

Por volta da hora do almoço nesse dia cinco desse Janeiro frio, bateu à porta da vida o jamais herói desta estória. Nasci em casa, a mil metros da Maternidade Alfredo da Costa que corre o risco de um dia vir a ser hotel de luxo quando se trocarem os berços por camas *king size*. Cheguei sem percalços, assistido por uma parteira amiga da família, especialista em fazer partos e desfazer situações comprometedoras. Tudo bem, criança e mãe resistiram a um parto com dor e sem epidural, lenitivo a ser inventado muito mais tarde.

A casa em festa, a mãe acamada, pálida e cheia de olheiras depois do esforço... vá, respire fundo... já se vê a cabeça... Olha, é um rapagão, que grande ferramenta! Os amigos do senhor rodeiam-no de abraços e envolvem-no de mais



um copo à saúde do orgulhoso progenitor. Orgulhoso porque tinha feito um filho? Na verdade, tinha resumido o seu papel a um pico dado na fase de paixão do casamento recente, deixando depois a «mão-de-obra» para a esposa de fresca data. Para ela sobrou o dia em que faltaram «os ingleses», a barriga a crescer, as agonias, os desejos e finalmente as dores do menino que veio com as águas.

Desse dia guardo duas recordações. O primeiro bibe, feito de uma camisa do meu pai, branca com finas riscas pretas, porque dizia-se que dava sorte, e uma navalha de ponta e mola de um amigo lá de casa, o senhor Germano, que cedo me quis apetrechar para me defender das facadas que viria a receber na vida. Ele sabia o que ia acontecer, mas a sevilhana enferrujou e desapareceu por inutilidade, no fundo de uma gaveta. A celebração feita à base de abafadinho, licor insuportavelmente doce, terminou com o progenitor e amigos convencidos de que tinham nascido gémeos iguaizinhos. Agora concluo que, tal como escreveu Sebastião da Gama, «quando eu nasci ficou tudo como estava... quando eu nasci não houve nada de novo, senão eu!»

## ASCENDÊNCIA

O pai, José Sesinando Isidro do Carmo, trinta anos, filho único de Júlio Sesinando do Carmo, quadro superior da Casa Totta, frequentador de uma certa alta roda lisboeta, jogador de casino e corredor de motos marca *Matchless* no velódromo do Campo Grande, e de Francisca Rodrigues Isidro do Carmo, menina de família de bombeiros municipais, profissão de elevado estatuto social para a época.

O meu avô ganhava bem, 30 000 réis por mês que davam para uma moradia na Rua Andrade Corvo, trem aturado, uma espécie de táxi sempre ao dispor, estreias de teatro e ópera, jantares-concerto no Salão Foz, cinema no Animatógrapho do Loreto, fatos elegantes, vestidos e chapéus luxuosos para a jovem esposa, por tal sinal, linda. Até tinha ganho um concurso de beleza no Casino da Figueira da Foz. D. Júlio do Carmo era o cavaleiro andante tal qual se usava. Contava a minha avó que, um domingo, a cozinheira faltou lá em casa, não deixando morta a galinha que de fricassé se comia ao jantar do dia santo. A Chiquinha estava em pânico: – Ai se o Júlio sabe que não temos jantar... – E quase chorava de angústia. A meio da tarde, o senhor da casa entrou na cozinha. Pela cara da jovem esposa, já ré sem julgamento, percebeu que algo tinha ocorrido. No jardim passeava-se a galinha, exibindo as penas e aquele olhar inteligente de quem não sabe o que lhe vai acontecer.

